

PEREIRA, L. R.; VIEIRA, M.L. **Fazer pesquisa é um problema?**
Belo Horizonte: UNI, 1999. 38 p.

Na condição de pesquisadora, orientadora e professora da disciplina metodologia da pesquisa para a área de comunicação social, biblioteconomia, ciência da informação, direito, medicina e muitas outras, “descobrir” pelas mãos de um aluno de graduação, a publicação recém-lançada – *Fazer pesquisa é um problema?* – da autoria das professoras Lusía Ribeiro Pereira e Martha Lourenço Vieira, significou uma grande alegria e surpresa. Durante anos e anos, através de um “arsenal” de recursos didáticos, como slides, álbuns seriados, histórias em quadrinhos, filmes, dramatizações, jogos etc., venho tentando desmistificar e demitificar a pesquisa. E eis, de repente, uma publicação que o faz e muito bem! São tão-somente 38 páginas de puro deleite: *ilustrações, charges, “estorinhas”* e muitos outros meios que provocam curiosidade e interesse. É a presença de Mafalda, Hagar (O horrível) e tantas outras personagens!

Destinado, prioritariamente, a alunos de iniciação científica, *Fazer pesquisa é um problema?* Discute as questões mais preliminares de um trabalho de investigação, quais sejam, a própria concepção de pesquisa científica; a formulação do problema; o enunciado das hipóteses; a elaboração de justificativas e objetivos; os procedimentos metodológicos e a fixação de um cronograma de ações. A princípio, as autoras esclarecem e comprovam, com exemplos extremamente práticos, que a realidade é sempre o ponto de partida do processo de construção do conhecimento, não obstante a possibilidade real de que o conhecimento sobre determinados objetos, fatos e fenômenos adquira versões distintas, dependendo de quem o conhece, quando o conhece e para que o conhece. Trata-se da construção do conhecimento comprometido com o contexto no qual é gerado, o que significa, em outras palavras, esclarecer a função da pesquisa ou a sua inserção no contexto social, cultural, político e econômico. A ciência interage e caminha *pari passu* com a sociedade.

Determina mutações sociais e, ao mesmo tempo, recebe da sociedade impactos que a (re)orientam em busca de novos caminhos, que lhe possibilitam responder novas demandas e assumir novas prioridades. Obviamente, todos estes itens são tratados de forma superficial, mas, em nossa opinião, em consonância com as necessidades reais do seu público-alvo: principiantes.. Neste sentido, concordamos, na íntegra, com as autoras, quando estas afirmam que “[...] as orientações e reflexões teóricas propostas [...] não se encontram apenas no conteúdo impresso em suas páginas, mas na sua forma de apresentação”. (p. 3). Exatamente, o que diferencia este manual é a maneira atraente e criativa com que o conteúdo técnico-formal é trazido à tona, evidenciando a relevância do processo de interação sujeito-objeto na produção e/ou geração de novos conhecimentos.

Apenas com a intenção de fornecer aos leitores desta resenha a idéia de como o livro está “*construído*”, transcrevo, abaixo, o diálogo entre Mafalda e seu amigo Filipe, ambos personagens do desenhista argentino Joaquim Salvador Lavador, ou simplesmente, Quino:

Mafalda: De onde será que vêm os discos voadores?

Filipe: Não sei. Mas parecem que os cientistas também não sabem.

Mafalda: E por que isso te deixa tão feliz?

Filipe: Porque em me sinto importante compartilhando a ignorância dos cientistas.

Mafalda: De onde será que vêm os discos voadores?

Vemos, pois, num único exemplo como as autoras mostram aos alunos o dinamismo próprio da pesquisa científica. A ignorância dos pesquisadores/cientistas é inesgotável. Isto porque a ciência busca, essencialmente, desvendar e compreender a natureza e seus fenômenos, através de métodos sistemáticos e seguros. No entanto, face à dinamicidade intrínseca à própria natureza, seus resultados são sempre provisórios. Isto é, esses sistemas explicativos não têm caráter permanente. Inserem-se num processo ininterrupto de investigação, o que faz da ciência uma instituição

social, dinâmica, evolutiva, contínua, mutável e cumulativa, permitindo às autoras concluir sua publicação, desafiando o iniciante em pesquisa científica, com o questionamento: “E você, o que diria? Fazer pesquisa é um problema? Ou toda pesquisa envolve um problema?” (p. 38)

Maria das Graças Targino

Universidade Federal do Piauí. Doutora em Ciência da Informação,
Universidade de Brasília